

Rubem Braga

VOCÊ VENDO NÃO ACREDITA

QUEM viaja tem alucinações. Posso oferecer o testemunho de vários brasileiros que ouviram comigo, em um restaurante de Tânger, uma canção árabe dizer, entre muitas coisas incompreensíveis, que "o nosso Tancredo Neves nasceu em São João del Rei". Alguns a princípio não acreditaram; mas fizemos repetir a canção duas, três vezes (bastava pedir "a do Tancredo Neves") e era indubitavelmente aquilo...

As ilusões mais comuns são, porém, as ópticas. Para falar de outro filho de São João del Rei, o Otto Lara Resende: êle me importunou horrivelmente no "suk" de Fez querendo me vender umas bandejas de cobre. Fazia cara de chôro, me empurrava as bandejas na mão. Pois aquela mesma tarde, por milagre, encontrei o mesmo Otto disfarçado em "fella", junto a um campo de batatas, empurrando pacientemente uma charrua puxada por um camelo e um jericó. Gritei-lhe de longe "ei, Otto!" e, ao se sentir descoberto, êle me sorriu e me acenou com a mão, o biltre.

Vi o Emil Fahrat, com seu nariz enérgico e seu olho azul, comprando tâmaras em Buznika; e o Luís Lopes Coelho, com um fêz vermelho na cabeça, lhe vendendo as ditas tâmaras. Meninos, eu vi.

Perto de Tetuan paramos uma tarde para atender ao pedido de socorro de um automobilista enguiçado. O carro era um Renault velho, com placa de Ujda. Enquanto meu chofer ia examinar o motor do carro com um dos viajantes, eu me aproximei de outro. Num relance vi de quem se tratava — e cuidei imediatamente de disfarçar, pois havia mais dois pas-

sageiros no carro. Êle sem dúvida também me reconheceu, pois tratou de desviar o olhar e se pôs a conversar nervosamente em árabe com um velho que estava a seu lado. Mil coisas me vieram à mente para explicar aquela presença do General Cordeiro de Faria, antigo comandante da Artilharia da FEB, em carro com a placa de Ujda, da fronteira da Argélia conflagrada. Segrêdo militar-político-diplomático de alto tope, como dizem os americanos.

Eu fazia minhas conjeturas quando o passageiro que estava examinando o motor com o meu chofer veio em nossa direção; pois era outro General Cordeiro de Faria, absolutamente igual ao primeiro; indubitavelmente gêmeos, iguais até nos óculos e no albornoz de listras! Um certo exagêro da Segunda Seção do Exército Brasileiro, sem dúvida.

Mas a coisa mais extraordinária nesse gênero que me aconteceu não foi em estrada nenhuma, foi no próprio refeitório do Hotel de la Tour Hassan, de Rabat, onde eu morava. Quando ia saindo do almôço, em uma passagem estreita entre uma mesa e uma coluna, esbarrei literalmente com uma alta morena brasileira que dois meses antes eu deixara — com que melancolia! — esticada na areia de Ipanema. Fitei-a um instante, perturbado com a espantosa parecência; senti um apêto na garganta, baixei os olhos, e passei.

Não teria voltado se ela não me chamasse pelo nome — era ela mesma, a própria, a verdadeira, a inverossímil, baixada por acaso meia hora antes em Marrocos numa alternativa de vôo internacional.